

RACISMO E ANTIRRACISMO NO TURISMO: percepções, pertencimentos e resistências em São Paulo

Denise dos Santos Rodrigues¹

Luiz Gonzaga Godoi Trigo²

Resumo

Este artigo investiga como agentes do afroturismo e ativistas dos movimentos negros e sociais compreendem a cidade de São Paulo e o turismo a partir de suas perspectivas e experiências. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, combinando pesquisa bibliográfica sobre relações raciais, turismo e territórios negros em São Paulo, com entrevistas semiestruturadas em profundidade. Os sete entrevistados foram selecionados com base em suas atuações no turismo e/ou nos movimentos negros ou sociais, especialmente aqueles envolvidos em ações de valorização e resgate das manifestações histórico-culturais negras. Os resultados destacam formas de resistência negra na capital paulista, apesar das constantes tentativas de apagamento e marginalização das contribuições da população negra para a história e, conseqüentemente, promoção turística da cidade. As iniciativas de roteiros em territórios negros resgatam a memória da cidade e propõem uma reflexão crítica sobre o turismo, desafiando perspectivas hegemônicas e promovendo narrativas de protagonismo negro. O afroturismo emerge, assim, como uma ferramenta eficaz para inserir práticas antirracistas no setor turístico.

Palavras-chave: Relações raciais; Racismo; Antirracismo; Territórios Negros; Afroturismo.

RACISM AND ANTI-RACISM IN TOURISM: perceptions, belonging, and resistance in São Paulo

Abstract

This article investigates how agents of afrotourism/blacktourism and activists from black and social movements understand the city of São Paulo and tourism from their

¹ Doutoranda em Sociologia, Mestra em Turismo e Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Turismo e Hospitalidade pela Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETPS).

² Doutor. Professor, Escola de Artes, Ciência e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0322089095908308>.

perspectives and experiences. The research adopts a qualitative and exploratory approach, combining bibliographic research on racial relations, tourism, and black territories in São Paulo, with in-depth semi-structured interviews. The seven interviewees were selected based on their involvement in tourism and/or black or social movements, especially those engaged in actions that value and rescue black historical and cultural manifestations. The results highlight forms of black resistance in São Paulo, despite ongoing attempts to erase and marginalize the contributions of the black population to the city's history and, consequently, its tourism promotion. Initiatives focused on black territories reclaim the city's memory and propose a critical reflection on tourism, challenging hegemonic perspectives and promoting narratives of black protagonism. Thus, afrotourism/blacktourism emerges as an effective tool for incorporating anti-racist practices into the tourism sector.

Keywords: Racial relations; Racism; Anti-racism; Black Territories; Afrotourism/Blacktourism.

RACISMO Y ANTIRRACISMO EN EL TURISMO: Percepciones, Pertenencias y Resistencias en São Paulo

Resumen

Este artículo investiga cómo los agentes del afroturismo y los activistas de los movimientos negros y sociales comprenden la ciudad de São Paulo y el turismo desde sus perspectivas y experiencias. La investigación adopta un enfoque cualitativo y exploratorio, combinando investigación bibliográfica sobre relaciones raciales, turismo y territorios negros en São Paulo, con entrevistas semiestructuradas en profundidad. Los siete entrevistados fueron seleccionados en función de su participación en el turismo y/o en movimientos negros o sociales, especialmente aquellos involucrados en acciones que valoran y rescatan las manifestaciones históricas y culturales negras. Los resultados destacan formas de resistencia negra en la capital paulista, a pesar de los constantes intentos de borrar y marginar las contribuciones de la población negra a la historia y, en consecuencia, a la promoción turística de la ciudad. Las iniciativas centradas en los territorios negros recuperan la memoria de la ciudad y proponen una reflexión crítica sobre el turismo, desafiando las perspectivas hegemónicas y promoviendo narrativas de protagonismo negro. Así, el afroturismo emerge como una herramienta eficaz para incorporar prácticas antirracistas en el sector turístico.

Palabras clave: Relaciones raciales; Racismo; Antirracismo; Territorios Negros; Afroturismo.

INTRODUÇÃO

Embora pouco divulgado, foi a partir de um caso de racismo em um equipamento turístico que desencadeou o aprovação da primeira lei contra o racismo no Brasil. Em 1950, a conceituada bailarina e coreógrafa afro-americana Katherine Dunham foi impedida de se hospedar no Esplanada³, um hotel cinco estrelas de São Paulo, por ser negra. Durante a pausa em seu espetáculo no Theatro Municipal, Katherine – que também era ativista social e antropóloga – denunciou o racismo sofrido aos jornalistas presentes.

O episódio ganhou grande repercussão nacional ao questionar a ideia predominante na época de que o Brasil era uma “democracia racial” e que, devido aos processos de miscigenação, havia uma suposta “harmonia entre raças”. A denúncia levou à promulgação da lei 1390/1951, conhecida como Lei Afonso Arinos que estabeleceu a discriminação racial como contravenção penal.

Esse é apenas um dos muitos episódios que destaca a importância em abordar a questão racial em todos os setores da sociedade, incluindo o turismo. Os esforços para ampliar as discussões e análises sobre as relações raciais vêm ganhando destaque a cada ano. Considerar os contextos locais e a transversalidade dos temas que a envolvem torna a discussão desafiadora e necessária (BACK; SOLOMON, 2000; WINANT, 2000). A ausência dos estudos sobre negritude, relações raciais e turismo apresenta uma oportunidade urgente para abordá-las, repensar as transformações nos processos do fazer-turístico e evidenciar o protagonismo da população negra nesses contextos (KALAOUM et al., 2022; OLIVEIRA, 2021b).

Desta forma, este estudo tem como objetivo analisar como agentes do afroturismo e ativistas os movimentos negros e sociais que atuam na valorização das memórias e manifestações histórico-culturais negras compreendem a cidade de São Paulo e seu turismo. A pesquisa busca integrar suas perspectivas, examinando as experiências, vivências e interações com o espaço urbano.

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e exploratória, combinando pesquisa bibliográfica com entrevista semiestruturada em profundidade. O texto está

³ WESTIN, Ricardo. Brasil criou 1ª lei antirracismo após hotel em SP negar hospedagem a dançarina negra americana. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/brasil-criou-1a-lei-antirracismo-apos-hotel-em-sp-negar-hospedagem-a-dancarina-negra-americana>. Acesso em: 19/05/23.

estruturado em cinco seções: a presente introdução; a segunda seção, que contextualiza as relações raciais, o racismo, as narrativas em disputa na cidade de São Paulo e o antirracismo no turismo; na sequência, há a descrição dos procedimentos metodológicos adotados; a quarta seção é dedicada à discussão e análise dos resultados das entrevistas; e, por fim, as considerações finais do estudo.

RELAÇÕES RACIAIS, RACISMO E TURISMO

As relações humanas são um alicerce essencial na compreensão do turismo como um fenômeno social. O turismo pressupõe interações em diferentes níveis e dimensões. Nesse contexto, inserir a perspectiva racial possibilita observar e analisar criticamente a complexa rede de fatores que os envolvem. Isso inclui, entre outros aspectos, representatividade, diversidade e inclusão, racismo, antirracismo, ações afirmativas, resgates e valorizações histórico-culturais, além do acesso e direito ao lazer e ao turismo.

Solomos e Back (2000) destacam como a multidisciplinaridade das teorias raciais abrange tópicos como identidade, racismo, descolonização do pensamento e estudos culturais, resultando em novas análises e perspectivas. Os autores enfatizam a necessidade de uma agenda política para o debate racial, ressaltando a importância de estudos que compreendam a diversidade, as particularidades regionais e locais, e os diferentes contextos histórico-políticos. Winant (2000) também ressalta a importância da observação dos fenômenos sociais relacionados à raça para questionar e aprender sobre eles.

No contexto brasileiro, a relevância da contextualização histórica e política indicada por Solomos e Back é evidente, assim como a crescente presença das discussões raciais na sociedade, conforme ressaltado por Winant. As teorias raciais do final do século XIX até meados do século XX, como o eugenismo e posteriormente a pretensa ideia de uma "democracia racial", reforçaram estereótipos e preconceitos que continuam a ser replicados sob novas formas, acionados por meio do racismo estrutural, marginalização e genocídio do povo negro e outras formas de discriminações.

Almeida (2019) destaca que as estruturas de poder reforçam o racismo ao naturalizar práticas de discriminação e exclusão, e tratando as pessoas não-brancas de forma desigual. No contexto do turismo, essa dinâmica se manifesta de várias maneiras: a ausência de turistas negros em campanhas publicitárias, a falta de recorte racial nas pesquisas sobre viajantes brasileiros, a sexualização dos corpos das mulheres negras, a negligência dos corpos negros como viajantes e profissionais do setor, e até mesmo a exclusão das diversas contribuições da população afro-brasileira na divulgação dos destinos etc.

Essa exclusão e marginalização são evidentes também na história da cidade de São Paulo e no processo de construção do turismo da cidade, no qual as narrativas em disputa refletem os interesses divergentes entre o que se quer preservar – e contar – e o que se tenta ocultar.

São Paulo: narrativas em disputa

A dinâmica de desenvolvimento de São Paulo exemplifica como o racismo está enraizado na sociedade brasileira. Em meados do século XIX, a iminência da abolição era vista como uma ameaça a economia, e a expressiva presença negra nas cidades, especialmente na capital, incomodava a elite política, intelectual e econômica da época. Aliadas a isso, as metas de modernização e progresso das cidades eram recorrentes, juntamente com a crença de que os negros eram intelectualmente atrasados, pertencentes a uma raça "inferior" e não civilizada. O medo de insurreições e revoltas negras, combinado com justificativas eugenistas e a alegada "escassez de braços" nas lavouras de café, convergiu para o projeto imigrantista e de branqueamento paulista (AZEVEDO, 1987; DOMINGUES, 2004; MOURA, 2014; SANTOS, 2008).

A partir de então, os territórios de presença negra da cidade e no estado de São Paulo, sofreram ostensivas tentativas de apagamentos, transvestidos de "modernização e progresso". Ao passo que personalidades negras também foram excluídas nos processos de salvaguardar as histórias, memórias e culturas (afro)paulistas.

Na cidade de São Paulo não foi diferente, a exemplo da região central, bairros como a Liberdade e o Bixiga (Bela Vista) se transformaram com a presença imigrante japonesa e italiana, respectivamente, e territórios negros foram apagados do imaginário paulistano.

Enquanto havia constantes tentativas de exclusão da população negra na dinâmica da cidade, simultaneamente ocorria um processo de resistência. Mesmo diante da marginalização, gentrificação e da falta de aceitação, a população negra se esforçava para reivindicar e manter sua presença ativa (DOMINGUES, 2004, 2019; SANTOS, 2008).

Essa resistência não apenas desafiava a exclusão imposta, mas também criava novas formas de ocupação e identidade em outros territórios da cidade. A população negra não apenas sobrevivia às tentativas de apagamento, mas transformava esses espaços em locais de afirmação cultural e histórica, ao se espalhar elas contribuíram significativamente para a diversidade cultural paulistana (ROLNIK, 2007).

Contudo, a dinâmica político-social que causou esses apagamentos deixou marcas na memória histórica da cidade até os dias de hoje. A presença imigrante, inicialmente italiana e, posteriormente, japonesa consolidou certos territórios como “tradicionais bairros étnicos”, como é o caso dos distritos da Bela Vista, o Bixiga, e da Liberdade explorados turisticamente como bairros “típicos” da cultura italiana e japonesa.

No entanto, ambos os bairros eram e, em certa medida, ainda são territórios negros por excelência. Até meados do século XIX, São Paulo estava limitada ao que hoje chamamos de “triângulo histórico”, a região era demarcada por três Igrejas e suas ordens religiosas: a Ordem dos Franciscanos (Igreja de São Francisco), a Ordem dos Beneditinos (Mosteiro São Bento) e a Ordem do Carmo (Igreja do Carmo). O Bixiga e a Liberdade ficavam fora desses limites e foram considerados as primeiras “periferias” da cidade.

Durante os séculos XVIII e XIX, o distrito da Liberdade era um importante local de interação e circulação para africanos e seus descendentes. Ali que se localizavam a Força, o Pelourinho e o primeiro cemitério “público”⁴ da cidade, o Cemitério dos Aflitos. A presença japonesa no bairro começou apenas em meados de 1900, acompanhada pelo processo de turistificação do território (GUIMARÃES, 1979; OLIVEIRA, 2020).

Por sua vez, no Bixiga, inicialmente uma área densamente florestada, formou-se nas margens do rio o Quilombo do Saracura, que servia de refúgio para escraviza-

⁴ Local destinado ao sepultamento de indígenas, negros e desvalidos, o Cemitério dos Aflitos oferecia uma alternativa em uma época em que o sepultamento geralmente ocorria dentro dos territórios das igrejas. A população escravizada, livre ou liberta, que não podia ser sepultada nos mesmos espaços que seus escravizadores ou nas Irmandades Negras, encontrava amparo nesse cemitério.

dos fugidos e africanos livres, vivendo em comunidade. Apenas na segunda metade do século XIX, com a chegada dos imigrantes italianos, ocorreu uma nova ocupação do bairro (NASCIMENTO, 2016; STEVENS; DE MEULDER, 2019) .

Atualmente, ambos os bairros são predominantemente reconhecidos pela perspectiva histórica que enfatiza exclusivamente o legado italiano e japonês, omitindo as conexões com as histórias e memórias negras que também estão inseridas nas localidades. A narrativa oficial da divulgação turística de São Paulo frequentemente negligencia ou reduz a importância das contribuições e participações da população negra no desenvolvimento histórico-cultural da cidade, incluindo na promoção dos atrativos relacionados à comunidade afro-paulistana.

A escolha seletiva de elementos históricos e culturais nesses espaços contribui para a marginalização contínua da presença e influência da população negra na identidade no processo de formação de São Paulo, perpetuando uma representação distorcida e incompleta da diversidade cultural e étnica da cidade.

Antirracismo e resistência: outros turismos possíveis

A ausência do destaque da participação negra na conformação da sociedade brasileira não é recente. A falta de preocupação em abordar a temática racial em seus âmbitos históricos, políticos e socioculturais permeia todas as áreas do conhecimento, e no turismo não é diferente.

Kalaoum et al. (2022) identificaram que a produção científica sobre turismo, em artigos publicados nos periódicos nacionais da área, relacionada ao tema da negritude e etnicidade, é incipiente. Esse achado corrobora com a pesquisa de Oliveira (2021b) que constatou que apenas 0,19% das produções científicas vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Turismo abordam a temática negra. A autora destaca a marginalização do tema e como ele ainda é invisibilizado no campo do Turismo no Brasil. Cabe ressaltar que a temática racial segue negligenciada nos dados oficiais do Ministério do Turismo do Brasil (Mtur) ou em pesquisas de perfis dos viajantes em entidades representativas, na medida em que até mesmo nas instâncias estaduais e municipais, não apresentam a categoria raça/cor em seus documentos.

Apesar dessa carência de dados e debates nas pesquisas turísticas acadêmicas e mercadológicas, existem iniciativas que buscam inserir a temática racial em seus

mais diversos níveis. Pesquisas como as desenvolvidas por Pinho (2018a, 2008, 2010, 2018b), Santos (2018), Manhães Rodrigues (2021a), Oliveira (2021a, 2021b), Ricardo (2021), entre outras/os, trazem o protagonismo negro como pauta no turismo do Brasil. No cenário dos estudos de turismo internacional, o movimento de desafiar as narrativas tradicionais do setor, destacar a diversidade e relevância das pesquisas sobre o negro e o turismo vem se consolidando (DILLETTE; BENJAMIN, 2022; DILLETTE; BENJAMIN; ALDERMAN, 2024).

Nesse contexto, coletivos dos movimentos sociais, guias de turismo, afroempreendedores, pesquisadores e ativistas dos movimentos negros buscam estreitar os vínculos culturais e históricos, bem como fortalecer o sentimento de pertencimento à cidade. Eles fazem isso por meio de roteiros dentro de seus territórios e, além disso, procuram formas resgatar, valorizar, preservar e evidenciar o protagonismo negro. Se o turismo, como prática social, pode reforçar as narrativas hegemônicas, ele também pode desafiá-las.

No Brasil, a prática do afroturismo emerge como uma resposta ao turismo convencional, ao buscar uma compreensão mais inclusiva e inserir a pauta antirracista no setor. O afroturismo redireciona os olhares nos espaços turísticos tidos como convencionais e evidencia as histórias e protagonismos negros, mesmo quando não há resquícios materiais desses lugares.

Essa prática surge como uma reivindicação por uma apropriação negra nos territórios e propõe o uso do turismo como uma ferramenta de educação não-formal ou de letramento racial, repensando os patrimônios materiais e imateriais, a memória, os usos e espaços da cidade. Ou seja, pensar os territórios negros das cidades como novas formas de educação patrimonial e resistir às tentativas de apagamentos e invisibilidades.

A Lei 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana nas escolas de todo o país. O afroturismo, nesse contexto, permite explorar novas formas de práticas pedagógicas de combate ao racismo, como também promove um senso de pertencimento e vivência das manifestações históricas e culturais negras.

Ferreira e Pacheco (2022, p. 355) reforçam como o conhecimento gerado por roteiros criados por grupos e coletivos dos movimentos sociais vem "transformando os seus territórios em espaços de educação pública, utilizando a cultura e também o tu-

rismo como mediadores, auxiliando na desconstrução de saberes colonizadores e promovendo cidadania". A partir dos olhares e da experiência de quem mora, trabalha e vivencia a cidade é que torna possível novos olhares para a cidade. Quem melhor que os próprios moradores, agentes, articuladores culturais para pensar outros turismos possíveis em sua cidade?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o presente estudo, investigou-se o turismo e as relações raciais por meio de pesquisa de caráter qualitativo e exploratório, combinando pesquisa bibliográfica com entrevista semiestruturada em profundidade. Esses procedimentos metodológicos foram adotados para alcançar o objetivo de analisar como os agentes que reivindicam as memórias e manifestações histórico-culturais negras compreendem a cidade de São Paulo e seu turismo.

As entrevistas semiestruturadas foram utilizadas para explorar as perspectivas dos entrevistados sobre apagamento histórico e reivindicações de narrativas, negritude em São Paulo, antirracismo no Turismo, pertencimento e representatividade nos espaços. Esse formato incentivou os entrevistados a se expressarem livremente, baseando-se em suas experiências pessoais na cidade. A entrevista em profundidade oferece maior flexibilidade, permitindo ao pesquisador elaborar um roteiro prévio, semiestruturado, mas também conduzir as perguntas de acordo com as respostas do entrevistado (DENKER, 2007; MAY, 2004).

A seleção dos entrevistados iniciou-se com a identificação de projetos e pessoas que abordam a temática negra nos circuitos de São Paulo, inserindo a perspectiva negra como protagonista das histórias locais. Foram selecionadas sete pessoas: quatro produtores de roteiros com temática negra e três ativistas dos movimentos negros e culturais. Todos eles trabalham para resgatar, manter vivas e reivindicar as narrativas negras em São Paulo, valorizando as histórias do passado, presente e futuro. Os produtores de roteiros são: Eribelto Castilho (Instituto Bixiga), Fernanda Zanelli (Coletivo Crônicas Urbanas), Isabella Santos (Sampa Negra) e Guilherme Soares Dias (Guia Negro). Os ativistas selecionados são: Bel Santos Mayer, turismóloga e ativista do universo do livro e da literatura; José Abílio Ferreira, jornalista, escritor e cofundador do Instituto Tebas; e José Adão Oliveira, cofundador

e coordenador regional de educação do Movimento Negro Unificado (MNU). Os sete participantes foram entrevistados via videochamada e assinaram o termo de consentimento livre-esclarecido (TCLE), no qual autorizam a utilização de seus nomes reais e dos projetos e/ou entidades que representam.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: PERTENCIMENTOS E RESISTÊNCIAS NEGRAS EM SÃO PAULO

Se por um lado, há um turismo que negligencia as perspectivas da população negra, por outro há um turismo que resiste às tentativas de apagamentos e que reivindica um outro turismo e estreita seus laços de pertencimentos a cidade.

O quadro abaixo lista os organizadores de roteiros em territórios negros que possuem como enfoque a região central de São Paulo, quatro deles entrevistados para essa pesquisa. Os roteiros foram criados a partir das experiências e vivência dessas pessoas que trabalham, pensam e buscam referências decoloniais ao falar sobre culturas, histórias, memórias negras na cidade de São Paulo.

Quadro 1 - Organizadores de roteiros pela região central de São Paulo

Organizadores	Roteiro(s)
Coletivo Crônicas Urbanas*	Itinerários da Experiência Negra: Centro
	Itinerários da Experiência Negra: Bexiga
	Itinerários da Experiência Negra: Consolação
Coletivo Cartografia Negra	Volta Negra
Déborah Fabrício (guia de turismo)	Afro Sampa <i>Walking tour</i>
Débora Pinheiro (guia de turismo)	Caminhada Heroínas Negras
Denise Rodrigues (guia de turismo)	Desvendando a São Paulo Negra
	Pretas Histórias
Guia Negro*	Caminhada São Paulo Negra
	Caminhada Barra Funda Negra
	Caminhada Bixiga Negro
Instituto Bixiga*	RolêSP – Territórios Negros no Centro
	RolêSP – Territórios Negros no Bixiga
	RolêSP – Territórios Negros na Santa Ifigênia
	RolêSP – Territórios Negros no Glicério

Sampa Negra*	Do Rosário a Rosário
	Negra Liberdade
	Bixiga: Quilombo Urbano Paulistano
	Sampa: Em Rimas, Versos e Prosas
	Sambas, Batuques e Rezas
* Organizadores que participaram das entrevistas	

Fonte: Elaboração própria (2024).

O levantamento identificou que o bairro da Liberdade ganha destaque na maioria dos roteiros desenvolvidos, sejam por coletivos ou afroempreendedores. Em segundo lugar, aparece o bairro do Bixiga com quatro caminhadas sobre a presença negra no bairro. Na sequência aparece roteiros na região da Barra Funda, abordando a história do samba; na Santa Ifigênia e Glicério que abordam a expansão da cidade e como a população negra vivia e ocupava esses territórios. Há também um roteiro que intersecciona as histórias das Irmandades do Rosário dos Homens Pretos e as duas Igrejas do Rosário da cidade: a do Largo do Paçandu e a da Penha, bem como roteiros especialmente desenvolvidos para contar sobre protagonismo das mulheres negras na cidade.

Esses roteiros possuem similaridades que os unem; embora cada organizador traga olhares e abordagens diversas sobre a presença negra na cidade, há experiências nas quais os enfoques estão nas histórias dos bairros, na religiosidade, na arquitetura ou na geografia. Independente das diferenças narrativas, todos resgatam como a população negra participou e participa do processo de construção de São Paulo e como um sistema racista induziu as ausências das narrativas negras na “modernização” da cidade, lacuna que ainda hoje permanece. Como conseguimos perceber na fala de Fernanda Zanelli:

Eu acredito que a história negra existe muito fortemente, o que existiu foi um projeto de poder e que se usou de dispositivos hegemônicos para apagar essa história. E apagar do ponto de vista político, do ponto de vista simbólico, mas não do que existe de fato, porque quando a gente estuda historicamente, você coleta evidências (...) São Paulo foi construída pela população negra, é fato, não dá para mudar isso, apesar de existir um projeto de apagamento.

Os entrevistados reforçam que, apesar das tentativas de esconder a história negra da cidade, as disputas dos territórios ainda ocorrem e resistem. Bel Santos Mayer afirma: “são lutas constantes (...) Isso não pode ser tarefa, pauta, só das

pessoas negras, [dos] movimentos negros, deveria ser assunto para todo mundo que se interessa por memória e por história”. Para o cofundador do MNU, Adão Oliveira, “a história da nossa cultura é a história de vivências e tentativas de valorização constantes”.

Essas tentativas de apagamento encontram uma barreira na própria população negra, que mantém essas memórias ativas nos territórios, e esses roteiros são exemplos disso, pois buscam resgatar essa história ancestral da negritude que influenciou e ainda se encontra muito viva na cidade. A fala da turismóloga, guia de turismo e idealizadora do Sampa Negra, Isabella Santos, exprime que, enquanto sociedade, devemos “reeducar o olhar” para ver aquilo que, para ela, está muito evidente na cidade:

Eu não acho que a nossa história não está evidente, eu acho que ela só não é contada, porque se a gente olhar as personagens da cidade, a gente vai ver a Sampa Negra, se a gente olhar para as festas da cidade, a gente vai ver a Sampa Negra, se a gente olhar para os bairros marginalizados no próprio centro, a gente vai ver a Sampa Negra... Então, eu não acho que ela não está evidente, eu acho que a gente precisa reeducar o nosso olhar para compreender que São Paulo é essa ou quais são essas São Paulos (...)

Essa percepção sobre o apagamento da história negra em São Paulo traz, entre os entrevistados, uma perspectiva muito particular, e, ao mesmo tempo, similar sobre apropriação da cidade e a representatividade nos espaços. Dos sete entrevistados, entre organizadores dos roteiros e ativistas, seis são negros e um branco. O único não-negro, Eriberto Castilho, é professor e leciona em uma instituição de ensino afrocentrada, na qual tem por objetivo atender preferencialmente as pessoas que se autodeclaram negras, trazendo essa perspectiva para a sala de aula e para os roteiros. Todos reconhecem a falta de representatividade e que a maioria dos espaços não traduz a expressiva marca da cidade com maior número de negros do país.

Os três ativistas trazem olhares muito próximos de uso da cidade, quando na adolescência passaram a ocupá-la por meio de projetos dos quais participavam, sejam os grupos de teatro, das comunidades eclesiais de base, os bailes ou coletivos culturais – todos relacionados à cultura negra. Foi por meio desses encontros que perceberam as facetas do racismo, as ausências dos negros nos mais diversos espaços, as formas de resistência e se reconheceram como sujeitos negros. O

jornalista e escritor Abílio Ferreira assim define essa constatação: “Como morador da periferia de São Paulo, eu olhava a cidade como uma cidade cujo centro precisava ser conquistado”.

O “conquistar o centro” também significa se enxergar nele. Bel Mayer diz que, na infância e adolescência, não se reconhecia em nenhum lugar, fosse na cidade ou nas mídias, e pondera:

Acho que hoje muita coisa mudou, nos últimos anos a gente tem conseguido lutar pela representatividade. Nós, dos vários movimentos negros, culturais, políticos, conseguimos aprender também que não era uma bobagem lidar com essas subjetividades, o quanto isso agredia nossa integridade humana. Então, que bom que a gente deu mais importância para esse assunto (...)

Adão Oliveira relata que, apesar dos avanços, ainda hoje a população negra tem dificuldade em ocupar os espaços. Ao falar de instituições culturais, ele ressalta que a maioria dos visitantes é branca, e é taxativo: “Significa que as pessoas [negras] não se veem no espelho dessa cidade”.

A fala de Guilherme Soares Dias corrobora essa ausência do sentimento de pertencimento à cidade. O jornalista e afroempreendedor de afroturismo diz que não se vê quando anda em São Paulo e destaca que a representatividade nos monumentos e nas ruas também é sinônimo de reconhecimento das realizações dessas personalidades negras:

A gente precisa se reconhecer nesses espaços. Quando eu ando pela cidade de São Paulo eu não me vejo nos monumentos, em nomes de ruas. Eu acho que as pessoas que são parecidas comigo, que fizeram coisas grandiosas não chegaram a esse nível de reconhecimento. É muito triste você caminhar por uma cidade [em] que você não se vê, eu acho que ter essas marcas da história negra são importantes para essa representatividade.

Aqui entra em discussão não somente a quantidade de monumentos, mas também o valor simbólico, como patrimônios e formas de reconhecimento dos sujeitos negros pelas representações disponibilizadas pela cidade. O idealizador da Caminhada São Paulo Negra deseja que haja mudanças em nomes de praças e ruas importantes pelo município, que se repensem os inúmeros monumentos aos bandeirantes e escravocratas e deem maior visibilidade à história negra do Brasil e em São Paulo.

Para os entrevistados, o Turismo é visto como mais uma alternativa para resgatar, contar as heranças negras, além de trabalhar com essas representações e representatividades. Fernanda diz que antes dos Itinerários da Experiência Negra, São Paulo “era uma cidade a ser superada, a ser vencida pelo transporte público, (...) a relação com a cidade era uma relação apressada, não de desfrute”.

Guilherme, que é sul mato-grossense, ao vir morar em São Paulo ficou feliz ao conhecer essas narrativas negras e se mostrou surpreso ao descobrir que mesmo os paulistanos não as conheciam. Esses fatos o motivaram a contar essas histórias e a formar a Black Bird Viagens, juntamente com a sua sócia, Luciana Paulino. E posteriormente, incorporar o projeto ao Guia Negro, Guilherme destaca que

Geralmente os conteúdos sobre turismo são muito embranquecidos, são pessoas brancas que são a cara, são as atrações que contam essas narrativas mais brancas que ganham destaque (...) Eu percebo que essa nossa consciência racial foi aumentando, o fato da gente querer buscar espaços que tenham a ver com a nossa cultura, eu percebi um aumento desses espaços e uma profissionalização, digamos assim, e já nessa fase de desenvolver *tours*, eu comecei a receber pessoas que vinham de fora, afro-americanos principalmente, é interessante, porque eles se surpreendem quando chegam em São Paulo.

Isabella mostra que as motivações para a criação do Sampa Negra também advieram por meio dessas descobertas e explorações da cidade “o Sampa Negra surge como uma conversa e um desejo de se encontrar na cidade, de encontrar o motivo dessas marginalidades, dessas periferias e dessas histórias não-contadas sobre nós”. Abílio traz a importância das narrativas negras sendo contadas pelas próprias pessoas negras:

[quando] a gente desenvolve essas narrativas, a gente coloca o sujeito negro na produção do espaço e da história numa outra condição e aí me parece que fica muito fácil de entender, porque esse investimento tão grande, esse empenho tão grande em apagar a nossa história.

Essa fala vai ao encontro dos pensamentos da ativista e turismóloga Bel Mayer: “porque uma pessoa que sabe quem ela é... se a gente sabe de onde a gente veio, isso dá muita força para gente dizer para onde que a gente quer ir. Acho que isso assusta, você saber de onde você veio e para onde você quer ir, isso pressupõe justiça (...)”. Bel ainda enfatiza que existem outros meios de se apropriar dessas

narrativas, desses territórios, e usar outros espaços como ferramentas de (auto)conhecimento, valorização da cultura negra, e que se encontram espalhados por São Paulo:

A cultura negra pode estar presente dentro desse fazer museológico, dentro de um espaço de um museu, mas, também, nos eventos... nos eventos que acontecem na cidade, alguns deles ligados às memórias históricas, mas outros reivindicatórios da existência desse negro, dessa negra que estão aí hoje produzindo, escrevendo, fazendo, produzindo cultura.

Dessas possibilidades do fazer turístico, Isabella acredita na área como ferramenta de educação: “Uma das possibilidades é olhar para esse Turismo como forma de reeducar nosso olhar e de se atentar a essas narrativas que estão gritando, querendo ser conhecidas e sabidas”.

Adão Oliveira vincula o Turismo como possibilidade de estimular às ações de formação à Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Para ele os roteiros turísticos permitem “uma forma mais leve de vivenciar aquilo que já passou e aí os professores do fundamental, da creche, no ensino médio, universitário têm condições de melhor aprofundar em sala de aula”. Bel Mayer também concorda que é possível articular Turismo, Educação e História, e que a gestão pública intersetorial pode ajudar no enfrentamento do racismo.

Contudo, apesar de reconhecerem que o Turismo pode contribuir para as discussões antirracistas e a educação, os entrevistados têm visões parecidas sobre as políticas públicas de Turismo e áreas correlatas. Ao serem questionados sobre o que falta nas políticas públicas para trabalhar a presença negra em São Paulo, foi unânime a constatação de que falta uma agenda pública sobre a relação racial, o Turismo e a cidade. Dentre os apontamentos destaca-se a falta de pessoas negras dentro da máquina pública. Além disso, também foram mencionados o racismo e a ausência de continuidade às ações – sejam ou não vinculadas à questão racial ou ao Turismo.

Zanelli, em sua resposta, enfatiza o racismo: “primeiro as políticas públicas precisam entender que o racismo é estrutural; segundo, é preciso trabalhar com esses dados (...) e depois ter políticas específicas para [combater] isso [o racismo]”. Adão

Oliveira traz a importância de repensar os gestores públicos enquanto a sociedade civil se une:

Nós, enquanto cidadãos, nós, enquanto unidades familiares, nós devemos começar a fazer muitas coisas por nossa própria conta e, ao mesmo tempo, votando em pessoas melhores (...) essas pessoas que estão nos gerenciando, a nível nacional, em alguns estados (...) são pessoas que estão em estado doentio do racismo, e o racismo é estrutural.

Na falta de uma agenda pública ou de pessoas que representem esses interesses da população negra, todos os entrevistados acreditam que as ações devam partir, sobretudo e essencialmente, da sociedade civil. Todos concordam e reconhecem que é preciso de apoio, aliados que compreendam a importância dessa luta e queiram lutar juntos, para fazer com que essas políticas sejam pensadas e saiam do papel. Já que não é uma luta somente das pessoas negras, mas da sociedade como um todo. Enquanto essas políticas não são consolidadas e as pessoas negras ainda não estão nesses espaços de decisões e poder, é preciso abrir caminhos alternativos, como reforça Abílio:

Nós temos que buscar caminhos alternativos à construção de políticas públicas. Caminhos alternativos, por exemplo, a Lei de Fomento à Cultura das Periferias que foi construída, elaborada pelos movimentos culturais nas periferias, esse programa, essa política pública foi construída pela sociedade civil.

Eribelto acredita que a população não deva esperar “um salvador”, e completa “Eu acredito muito nessa perspectiva popular, de ir fazendo esse trabalho, inclusive de formação. Formação não significa levar conhecimento, não é isso, mas é partilhar essas descobertas que a gente tem, a partir da perspectiva que a gente tem (...)”.

Já Abílio enfatiza outro aspecto coletivo: a “política pública é construída por nós, em algum momento ela é encampada pelo poder público que investe nela, mas somos nós que construímos”. A turismóloga Isabella ratifica:

A gente sempre fala de política como se fosse algo distante, mas a política é o que a gente está pensando, aqui, agora, conversando... Isso é política, e as nossas reivindicações vão chegar em algum lugar e essas

reivindicações chegando é que as políticas públicas são criadas, e isso volta para gente de novo e assim a gente vai fazendo política.

As falas evidenciam que consideram o Turismo como instrumento que pode resgatar, visibilizar e valorizar a história e a cultura negra em São Paulo, ou seja, participar ativamente na luta antirracista na cidade, mas, simultaneamente, não acreditam que isso ocorra somente pelas forças da iniciativa das políticas públicas. Apesar de reconhecer a importância de pessoas que compreendam a causa e tenham poder de decisões nesses espaços – sejam negros ou brancos – aparentam certa incredibilidade em que as ações partam exclusivamente por essas vias, por isso se amparam no discurso da sociedade civil, trazendo para si mesmos a responsabilidade de manter vivas as memórias negras.

No decorrer das entrevistas, as trajetórias pessoais se intercalaram com as vivências tidas na cidade, trazendo uma personalidade, uma aproximação, partilhada por todos. Suas experiências de vida estavam presentes em seus discursos e foram refletidas nas formas com encaram São Paulo e resistem a ela. Da indignação pelo racismo ao zelo pelas memórias resgatadas e construídas nas ruas, vemos marcas de identidades que buscam se enxergar cada vez mais em uma cidade que se diz diversa, mas pouco faz para mostrar essa diversidade.

Para tentar compreender os vínculos estabelecidos entre a presença negra e a Pauliceia foi solicitado que os entrevistados citassem de três a cinco lugares que, para eles, representassem a presença negra em São Paulo; pedimos que considerassem a cidade inteira e não somente a região central, todos ficaram livres para fazer ou não comentários sobre as indicações, e alguns dos entrevistados expressaram as razões de suas escolhas. O resultado aparece abaixo:

Figura 1 - Lugares que remetem à presença negra em São Paulo



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Quadro 2 - Lugares citados pelos entrevistados

Entrevistado	Lugares citados
Adão Oliveira	Periferias, Museu Afro Brasil, ALESP e MASP
Abílio Ferreira	Liberdade, Piques, Triângulo Histórico, Saracura e Vila Itororó
Bel Santos Mayer	Liberdade, Parelheiros, Aparelha Luzia, Museu Afro Brasil e Ilú Obá de Min
Eriberto Castilho	Vai-Vai, Glicério, Igreja do Rosário e Barra Funda.
Fernanda Zanelli	Galeria do Rock, Igreja do Rosário, Capela dos Aflitos e Obelisco do Piques
Guilherme Dias	Vai-Vai, Igreja do Rosário, Liberdade e Aparelha Luiza
Isabella Santos	Largo do Rosário da Penha, Igreja do Rosário do Paiçandu, Vai-Vai, Barra Funda e Liberdade

Fonte: Elaboração Própria, 2020.

Dos sete entrevistados, obtivemos um total de 32 indicações, sendo 21 lugares sem repetição, algumas das respostas têm conexões que representam a mesma região. A Igreja do Rosário do Largo do Paçandu e o bairro da Liberdade foram as mais lembradas, com quatro indicações cada. A Capela dos Aflitos e o Glicério, localizados no distrito da Liberdade, foram citados uma vez cada, assim como a Galeria do Rock, evocando a aproximação da juventude negra e o Triângulo Histórico, chamando a atenção para as obras do Tebas, além da antiga localização da Igreja do Rosário.

A Escola de Samba Vai-Vai foi indicada três vezes; o Bixiga não foi citado diretamente por nenhum dos entrevistados, embora apareça vinculado aos lugares apontados. Isabella destaca a “Vai-Vai como personificação do Bixiga”. Para Guilherme, a Escola de Samba “é um espaço que tem essa presença negra muito forte, porque são pessoas negras na rua, geralmente na frente da escola de samba, curtindo o samba no momento de lazer (...)”. Já Abílio optou por indicar o Saracura, que é citado uma vez, antigo rio que deu nome à região, vincula às origens do Quilombo e também à escola de samba; o jornalista também cita a Vila Itororó, localizada no distrito da Bela Vista.

Recebendo duas indicações aparece a Aparelha Luzia – apontada como “um quilombo de resistência, onde principais expressões artísticas, culturais, lançamentos de livros, tudo aparece lá hoje. (...) a Aparelha Luzia é hoje um pouco que representou os bailes negros nos anos 70 e 80 aqui na cidade (...)” (Bel Santos Mayer). Também foram citados duas vezes a Barra Funda, o Museu Afro Brasil – indicado como um museu da diáspora, o Piques – a região do Piques, tanto o Obelisco e extinto chafariz como seu entorno, foi lembrada como lugar de encontros e articulações da população negra.

As bordas da cidade também foram lembradas: Cidade Tiradentes, no extremo da zona leste; Parelheiros, no extremo da zona sul, e as próprias Periferias. Adão Oliveira lembra Carolina Maria de Jesus e, fazendo uma alusão ao título de sua obra mais famosa, indicou as periferias como locais simbólicos “(...) que são os Quartos de Despejos da cidade, uma cidade de cristais, que agora está refletindo profundamente sobre quem ela realmente é”. O Largo do Rosário dos Homens Pretos da Penha, localizado na zona leste, foi lembrado como “um lugar ainda negligenciado, mas resistente e que se reinventou” (Isabella Santos).

A Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP) foi lembrada como lugar das modificações políticas; Adão diz que a Assembleia é o “símbolo significativo de mudança profunda que o Brasil tem que fazer”, juntamente com as Câmaras Municipais, Federais e o Senado. O Ilú Obá de Min trazendo a força e a resistência da mulher negra e dos blocos afros e, por fim, o Museu de Arte de São Paulo (MASP). Adão cita o MASP como um espaço de ocupação da população em geral, das presenças dos indivíduos e suas reivindicações por melhorias na metrópole paulistana, no país e no mundo.

Os locais lembrados enfatizam a região central, sobretudo aqueles analisados na pesquisa, mas também abordam a expansão da presença negra, que também vai para outras partes da cidade, principalmente com os movimentos das periferias, os pontos também indicam lugares de reivindicações e resistências. Há uma variedade de manifestações culturais negras apresentadas: religiosas, associações culturais, museológicas e mesmo quando, a princípio, não há um vínculo direto, como os locais político-administrativos, as justificativas evocam uma reflexão sobre os ambientes como lugares para repensar o posicionamento racista da sociedade e lutar por mudanças.

Além dos locais, também foi pedido aos entrevistados que escolhessem cinco palavras que representem essa presença negra em São Paulo. Todos ficaram livres para indicar e alguns explicaram suas escolhas. Optou-se por analisá-las de forma conjunta e não individualmente, para buscar correlações e interpretar de forma ampliada os elos entre elas. Todas as palavras elencadas aparecem na nuvem abaixo; algumas foram repetidas para efeito de preenchimento da imagem selecionada: o mapa do estado paulista.

A variedade foi expressiva, das 35 palavras elencadas, 33 foram citadas uma vez, apenas duas tiveram recorrências: resistência e trabalho. O discurso sobre a resistência apareceu em todas as entrevistas, representando os embates da população negra, tanto aqueles que lutaram no passado, como os que lutam no presente para manter essa história e cultura presentes e vivas. Em ambas as vezes em que palavra resistência apareceu nas respostas, ela está vinculada a uma outra. Eriberto, ao falar sobre sua escolha, a relaciona com a outra palavra elencada por ele: territórios. E diz:

Resistência, porque, para mim, na maioria desses territórios, essa presença marcante ainda hoje é em virtude dessa resistência. Houve um processo intencional de expulsão, de apagamento, e como eu estou dizendo, não teve sucesso, porque se tivesse, eu nem saberia que existiria esses territórios, a gente nem saberia. Então alguma coisa houve de resistência neste processo para [nos] mostrar (...)

Bel Mayer evoca a palavra resistência atrelada a palavra "reexistência", e explica:

O que a gente tem feito o tempo todo é isso, é resistir, mas ao mesmo tempo reinventar a nossa existência, (...) agora [durante a pandemia de covid-19] virou o mundo das *lives* e a gente não tem banda larga nas periferias, então como é que a gente sobrevive? Já era um trampo ter que pegar o transporte para chegar até as unidades do SESC para realizar o evento, mas agora é conseguir fazer uma hora de *live* sem a conexão cair, então fica fácil para gente ficar de fora, né? Desses processos. Então acho que é uma resistência que ela também é uma reinvenção da existência.

O termo resistir também está muito próximo à palavra trabalho, em "vencer a cidade pelo transporte público", o trabalho como atividade econômica e que movimenta a metrópole, mas também no repensar as mãos que a construíram e exercitar o olhar mais atento para identificar, como turista ou morador, as pessoas que ajudaram a moldá-la. Como enfatiza Isabella:

Quando a gente pensa como é que essa cidade foi construída fisicamente, a gente encontra a presença negra, quando a gente anda pela rua, a gente vê os ofícios (...) é uma produção que não é só da mais-valia, é uma criação de espaço e o trabalho produziu essa cidade.

Dentro desse contexto de usos da cidade, alguns locais foram lembrados: Lavapés, Saracura, Piques e Mutamba. Os três primeiros vinculados à presença negra que transitava pelas antigas ruas nos chafarizes da antiga vila, nas quitandas, resistindo nas imediações do quilombo do Saracura, assim como a palavra caminhos, mostrando esses movimentos de ir e chegar a algum lugar. O Mutamba, citado por Abílio, traz um dos locais iniciais de encontro do Quilombhoje, o coletivo cultural e editora da série Cadernos Negros, cujo objetivo é visibilizar e incentivar a leitura de escritores negros. Uma das colaboradoras da publicação foi Conceição Evaristo, escritora negra, referência na luta para a representatividade afro-brasileira no universo da literatura.

A autora também é lembrada por Bel Mayer por meio da palavra “escrevivência” que traz outro aspecto da presença negra, o das letras, e de como as vivências dos sujeitos negros se refletem na escrita, como a ativista diz:

Essa história, essa presença negra na cidade de São Paulo, tem que passar pela nossa escrita, pela nossa escrevivência, pela escrita de como a gente vive essa cidade, como as nossas ancestrais viveram essa cidade, uma escrita que pode até passar por qualquer assunto, pode ser como Cidinha da Silva fala de futebol, a gente não precisa falar só da nossa história, mas cada vez que a gente pega a caneta, tá digitando no computador ou no celular, a gente sabe... cada palavra que a gente está escrevendo, ela passa pelos nossos corpos, ela não sai só dá nossa cabeça, do nosso conhecimento teórico sobre literatura, sobre turismo, sobre qualquer coisa, para uma pessoa negra aqui no Brasil e em outros lugares também, qualquer coisa que a gente faça e escreva passa pelos nossos corpos.

Os neologismos “negracidade” e “amorizar” mostram uma São Paulo de inúmeras faces, usos. Bel explica que não se recorda onde ouviu o termo “negracidade”, mas explica: “se você tirar o R fica ‘negacidade’, que vem dessa negação do apagamento, se você põe um R, ‘negracidade’, tá dizendo [que] tem, existe uma cidade negra”. O “amorizar” tem um sentido duplo, como aponta Adão, equivale tanto à palavra amor como amora. Ele explica que a cor arroxeadada da fruta, também é a cor do movimento das mulheres e está distribuída em todos os cantos da cidade e que o faz lembrar das mulheres negras em marcha.

Os movimentos negros receberam destaque: foram citados a Frente Negra Brasileira e o Movimento Negro Unificado – MNU, entre outras palavras mencionadas,

tais como luta, consciência, participação, estudar, influência e forte, que podem representar os muitos movimentos negros existentes, da própria construção coletiva e individual da negritude paulistana e brasileira.

As celebrações das irmandades, os festejos e o Carnaval foram recordados com as festas, assim como os ritmos samba, rap, a arte do grafite e a culinária, com a feijoada. A beleza das manifestações culturais negras e os movimentos das periferias foram trazidos pelos entrevistados.

O racismo não foi citado diretamente, mas o termo violência aparece vinculado às práticas racistas do Estado. Eribelto, como professor de direito penal para alunos majoritariamente negros, diz que não tem como negligenciar o racismo na aplicação da lei: “o racismo não é a falta de aplicação da lei, o racismo é produto da lei, a lei foi criada para ser racista”, e completa com suas experiências nos Rolês:

Ao tratar desse tema nos rolês não tem como não falar, porque (...) infelizmente, para a gente mudar esse estado de coisas, a gente tem que entender que essa violência faz parte da constituição do nosso Estado. Essa violência, ela faz parte da constituição da nossa lei, até para a gente questionar e mudar.

A presença negra em São Paulo foi ligada às palavras apagamento, memória e decifração. O decifrar a cidade que oculta e tenta invisibilizar as memórias negras. Isabella traz a memória como algo construído, e destaca: “a memória como algo vivo, como um organismo, como escolha, como nova escolha. Eu escolho de novo quem é São Paulo. Que cidade é essa?”.

Por fim, a religiosidade e a fé também foram lembradas, expressas como refúgios, reconexões e esperanças por dias e momentos melhores:

A gente é um povo que não anda sem fé, porque ela não costuma *faiá*, como diz o Gil. E aí são várias formas de fé, a gente tem terreiros, a gente tem igrejas, inclusive juntos com as irmandades, a gente tem fé, inclusive, que esse país um dia vai melhorar e vai diminuir o seu racismo, e eu tenho fé também, minha fé está expressa no Sampa Negra, eu tenho fé em dias melhores e mais democráticos. (Isabella Santos, 2020).

Todas as palavras listadas mostram a diversidade dos temas nos quais os legados negros estão inseridos em São Paulo. Os entrevistados trazem menções às suas individualidades e universos particulares, mesmo assim os discursos convergem

em diversos momentos, alinhando ou reiterando ideias apresentadas por outros. As várias formas como a questão negra é vivenciada por esses sujeitos mostram uma São Paulo para ser observada por diversos ângulos e que precisa ter sua história e personagens em evidência, destacados por todos, como Bel Mayer enfatiza:

A gente precisa, como povo preto, ter essa sensação em todos os lugares que a gente caminhar nessa cidade, perceber que nós também, as nossas bisavós, as tuas tataravós construíram essa cidade. Aquilo que a colônia japonesa sente de andar pela Liberdade e ver a sua história, que os italianos sentem de olhar e sentir as suas marcas nos restaurantes, nos espaços, a gente tem esse direito de ter, de olhar e falar para os nossos filhos, netos, para as nossas mães, falar 'olha, essa cidade também é nossa!'. O que isso causa em nós? Causa pertencimento.

O cantor Emicida, em seu documentário "AmarElo: É tudo para ontem" (2020) evoca um ditado iorubá: "Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje", indicando que os caminhos trilhados hoje podem reescrever o passado e reinventar a memória, ao reinterpretar uma história que, em um primeiro momento, já está dada.

Desta forma, há uma urgência de se discutir a temática racial, desconstruir a ideia de uma democracia racial, explicitar o racismo e os apagamentos que a população negra ainda sofre. Ao mesmo tempo em que deixa em evidência o racismo que ainda hoje nos oprime, apaga construções e contribuições negras deliberadamente. O documentário traz também todo um resgate e valorização das produções negras que para muitos são desconhecidas por uma ignorância advinda de políticas massivas de apagamentos.

O palco do documentário é o Theatro Municipal de São Paulo, localizado no Distrito da Sé, reconhecido espaço cultural da elite paulistana do século XIX. Ao ser questionado do porquê da escolha, Emicida é taxativo: "Porque não tem uma viga, não tem uma ponte, não tem uma rua que não tenha tido uma mão negra trabalhando". Sua afirmação vai ao encontro da fala dos entrevistados, que questionam quais foram as pessoas que construíram os locais evidenciados pelo Turismo e reivindicam um olhar mais crítico e atento por parte dos governantes, gestores, turistas e moradores em relação às contribuições da população negra em nossas cidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo investigou como agentes do (afro)turismo e ativistas os movimentos negros e sociais interpretam a cidade de São Paulo a partir de suas perspectivas e experiências. Destacou-se que as tentativas de apagamento da participação negra na construção histórica e na promoção turística da cidade não apenas afetam a identidade do sujeito negro paulistano, mas também refletem o racismo estrutural enraizado na identidade nacional. Caso houvesse uma valorização explícita da história e das culturas negras nas políticas turísticas e culturais, os locais citados no artigo – e muitos outros – seriam reconhecidos organicamente como territórios negros.

O centro e as periferias de São Paulo possuem muitos espaços nos quais as contribuições e resistências negras estão presentes e que moldaram a criação da cidade cosmopolita que conhecemos hoje. Esses lugares, repletos de memórias, histórias e lutas pleiteiam por valorização e reconhecimento.

A resistência negra pelo Turismo, a exemplo do afroturismo, aparece por meio de ações promovidas por entidades e coletivos como a Sampa Negra, Coletivo Crônicas Urbanas, Guia negro, Instituto Bixiga, Coletivo Cartografia Negra, Quilombaque, Grupo Ururay, entre outros. Como foi reforçado nas falas dos entrevistados, as mudanças e discussões antirracistas estão ocorrendo, sobretudo, por meio da sociedade civil reivindicam as narrativas do povo negro. No entanto, é urgente que essa discussão também seja incorporada nas políticas oficiais de turismo e cultura não apenas em São Paulo, mas em todo o país.

Os roteiros citados possibilitam uma aproximação às práticas antirracistas no Turismo. Como salientou Angela Davis “numa sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista”, o que implica proposições ativas, articulações sociais e políticas para combater o racismo.

Para o Turismo, isso representa uma oportunidade de desmontar as estruturas hegemônicas, desafiar a perspectiva eurocêntrica, combater comportamentos discriminatórios reivindicar narrativas de protagonismo negro para uma revisão das perspectivas distorcidas e higienizadas que excluem a população negra desses processos. Para além disso, é fundamental incentivar a participação de pessoas negras na ativi-

dade turística, de modo que, ao vivenciarem as manifestações culturais e históricas afro-brasileiras, sintam-se pertencentes e representadas nesses espaços.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Celia Maria Marinho De. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites - século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BACK, Les; SOLOMON, John. Theorizing Race and Racism. *Em*: BACK, Les; SOLOMON, John (org.). **Theories of Race and Racism: A Reader**. London and New York: Routledge, 2000.

DENKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas**. 9ª ed. rev ed. São Paulo: Futura, 2007.

DILLETTE, Alana; BENJAMIN, Stefanie. The Black Travel Movement: A Catalyst for Social Change. **Journal of Travel Research**, [S. l.], v. 61, n. 3, p. 463–476, 2022. DOI: 10.1177/0047287521993549.

DILLETTE, Alana; BENJAMIN, Stefanie; ALDERMAN, Derek. **Traveling to escape, resist, and belong: centering black experiences within tourism scholarship**. **Tourism Geographies**. Routledge, 2024. DOI: 10.1080/14616688.2024.2305869.

DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2019.

FERREIRA, Paulo Tacio Aires; PACHECO, Reinaldo Tadeu Boscolo. Turismo, movimentos sociais e patrimônio cultural na cidade São Paulo/SP. **Turismo: Visão e Ação**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 340–359, 2022. DOI: 10.14210/rtva.v24n2.p340-359.

GUIMARÃES, Lais de Barros Monteiro. **Liberdade**. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Depto do Patrimônio Histórico, 1979.

KALAOUM, Fausi; MANHÃES RODRIGUES, Milena; DE OLIVEIRA DOS SANTOS, Renato; MARA TEIXEIRA, Carolina. A produção de conhecimento científico do turismo em periódicos brasileiros. **Revista Turismo: Estudos & Práticas**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 1–25, 2022. Disponível em: <http://geplat.com/rtep/>.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3ª ed. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 2. ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois co-edição com Anitta Garibaldi, 2014.

NASCIMENTO, Larissa Aparecida Camargo. No Bixiga nem tudo é italiano: relatos de vivência sobre um bairro da região central em São Paulo. **Pensando Áfricas e suas diásporas**, Mariana, MG, v. 01, n. 1, p. 104–118, 2016.

OLIVEIRA, Natália Araújo De. Precisamos falar sobre racismo no turismo. **RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 267–280, 2021. a. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/11889>.

OLIVEIRA, Natália Araújo De. Negros e Turismo: análise da produção acadêmica sobre o tema em revistas vinculadas aos Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 219–238, 2021. b. DOI: 10.18226/21789061.v13i1p219. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8480/pdf>.

OLIVEIRA, Patricia Cristina Rodrigues De. **Tortura, punição e morte: os lugares de memória e consciência da escravidão na cidade de São Paulo**. 2020. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, SP, 2020.

PINHO, Patricia De Santana. **Mapping Diaspora: African American Roots Tourism in Brazil**. [s.l.] : The University of North Carolina Press, 2018. a.

PINHO, Patricia Santana. African-American roots tourism in Brazil. **Latin American Perspectives**, [S. l.], v. 35, n. 3, p. 70–86, 2008. DOI: 10.1177/0094582X08315792.

PINHO, Patricia Santana. **Mama Africa: Reinventing Blackness in Bahia**. Durham: Duke University Press, 2010.

PINHO, Patricia Santana. Turismos Diaspóricos: Mapeando Conceitos e Questões. **Tempo Social**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 113–131, 2018. b. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2018.142218.

EMICIDA: AMARELO - É TUDO PARA ONTEM. Direção: Fred Ouro Preto. Brasil: Netflix, 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81306298>. Acesso em: 22 dez. 2020.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. Em: SANTOS, Renato Emerson Dos (org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: O negro na Geografia do Brasil**. São Paulo: Autêntica Editora, 2007. p. 75–90.

SANTOS, Carlos José Ferreira. **Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890 -1915)**. 3ª ed. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

SANTOS, Thaina Souza. **O viajante afro-brasileiro: enegrecendo o turismo.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de São Paulo, [S. l.], 2018. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/textos/tc4087-Santos.pdf>.

SILVA, Vanderléia Ricardo Da. **A inserção do Festival Feira Preta no calendário de turismo de eventos na cidade de São Paulo: o capital intelectual como força propulsora na “difusão” do movimento da população negra afroempreendedora.** 2021. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo, [S. l.], 2021. DOI: 10.13140/RG.2.2.34914.66247.

STEVENS, Jeroen; DE MEULDER, Bruno. On allotopia: the spatial accumulation of difference in Bixiga (São Paulo, Brazil). **Space and Culture**, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 387–404, 2019.

WINANT, Howard. Race and Race Theory. **Annual Review of Sociology**, [S. l.], v. 26, p. 169–185, 2000. DOI: 10.1146/annurev.soc.26.1.169.